

O ENSINO INTERDISCIPLINAR DE LÍNGUA PORTUGUESA EM SALA DE AULA

Joelma Sallosque dos Santos
(UNASP)

Resumo: Este artigo mostra os resultados de uma pesquisa sobre o ensino interdisciplinar de português nas disciplinas Língua Portuguesa, Matemática e História no contexto de Ensino Fundamental em caráter exploratório com bases qualitativas de interpretação.

Abstract: This article presents the results of a study about the multidisciplinary teaching of Portuguese in Portuguese Language, Mathematics and History subjects on an exploratory base in a qualitative interpretation approach.

Introdução

O estudo teve o seu início, a partir dos pressupostos de que há muitos fatores que interferem na aprendizagem de português na escola. É possível perceber que um deles refere-se à língua ensinada na escola na sala de aula de forma diferente daquela que o aluno usa constantemente no seu dia-a-dia e que também outras disciplinas ensinam português. Assim, buscou-se considerar o processo de ensino subjacente na interação linguística da vivência das aulas de Língua Portuguesa, Matemática e História, visando:

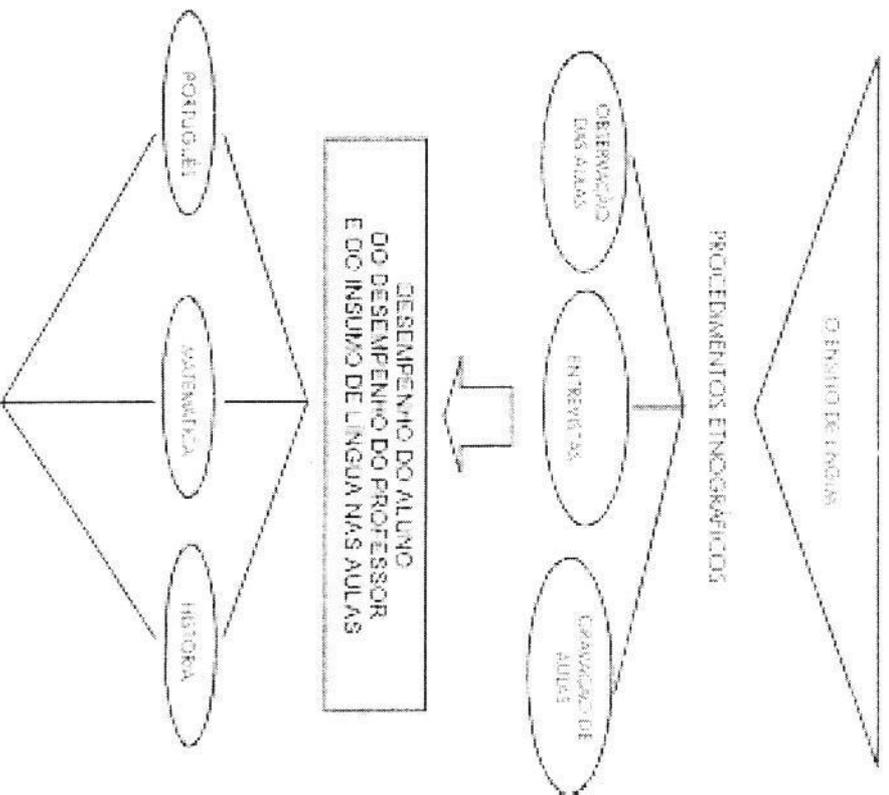
- identificar características do ensino de língua na disciplina língua portuguesa e em disciplinas de conteúdo (matemática – história);

- levantar as características do ensino de linguagem encontrados nas observações das vivências das aulas de língua portuguesa, matemática e história;
- comparar e interpretar os dados obtidos na análise do ensino de língua nas duas situações de linguagem observadas.

Mediante tais objetivos, a pesquisa procurou responder às seguintes questões:

1. O que se ensina de língua portuguesa e como se ensina nas aulas de Língua Portuguesa?
 2. O que se ensina de língua portuguesa e como isso é feito em outras disciplinas?
- Para atingir os objetivos dessa pesquisa, foram empregados

instrumentos etnográficos a partir de observações de campo, gravação de aulas e entrevista com os professores. Esses procedimentos voltaram-se ao desempenho dos alunos, ao desempenho do professor e ao insumo de língua nas aulas de português, de matemática e história, bem como as resenhas das contribuições teóricas, classificadas em tratamentos pedagógicos, tratamentos linguísticos e tratamentos linguísticos aplicados ao ensino de língua, conforme mostra o desenho a seguir:



O artigo foi organizado em três partes a natureza do ensino de língua na escola, a classificação didática para o ensino de língua na sala de aula, bem como o ensino de língua nas aulas de Língua Portuguesa, Matemática e História.

1. A natureza do ensino de língua na escola

É possível destacar que muitos dos problemas que interferem na aprendizagem de português na escola, estão relacionados a ênfase dada à língua como um produto acabado e fechado em si mesmo, além de se prender ao conteúdo formalista expresso nos currículos. Nesse caso, a língua portuguesa torna-se estrangeira dentro dela mesma, pois desconsidera-se a linguagem em uso do aluno. Segundo Gerdl¹:

A escola age como se a língua culta fosse estática, pronta e infensa ao seu uso nos processos interdiscursivos. Logicamente, isso acontece porque a escola tem razões sociais e políticas de ser isto é, a cristalização da língua que serve para ridicularizar aqueles que não falam como o prescrito.

A escola faz parte da sociedade e pensa-se que ela tem a função de promover as mudanças sociais e que seja a receptora dos interesses políticos. A tradição escolar traz como cultura de

ensinar a língua, como se fosse algo estático, porém sabemos que não é assim, pois a língua sofre mudanças no decorrer do tempo e há também muitas variações. Por outro lado, ensinar mostrando a força da norma sem “cobrar” a adesão a ela tem a função de explicitar a força (relativa) que a língua tem na ascensão social e no desenvolvimento linguístico de quem não precisa (tanto) ascender socialmente e ainda oportuniza experiência na escola seja da disciplina Língua Portuguesa, seja nas outras disciplinas, onde a língua se coloca como meio de usufruir e produzir conhecimentos úteis para o mundo e para as pessoas.

Na cultura de ensino-aprendizagem na escola, é comum afirma-se que a responsabilidade de ensinar português deve ser apenas do professor de língua portuguesa. É possível entender que essa postura interfere no ensino de português que pode ser feito em conjunto em todas as disciplinas. Além disso, a linguagem desempenha uma função transversal, pois permeia todas as áreas do conhecimento, assim é necessária a sua valorização, logo, por que não privilegiá-la? Segundo os PCNs²,

... muitas vezes, ocorre em projetos interdisciplinares atribuir à língua portuguesa o valor meramente instrumental de ler, produzir, revisar e corrigir textos, enquanto outras áreas se ocupam do tratamento dos conteúdos.

¹ GERALDI, João Wanderley. *Linguagem e Ensino: exercícios de militância e divulgação*. Campinas, SP, Mercado de Letras, 1996, p. 59.

² PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – Língua Portuguesa. Terceiro e Quarto Ciclos. Brasília, MED/SEF, 1997, p. 38.

Adotar tal concepção é postular a neutralidade da linguagem, o que é incompatível com os princípios que norteiam estes parâmetros. Um texto produzido a partir de determinado lugar, marcado por suas condições de produção. Não há como separar o sujeito, a história e o mundo das práticas de linguagem. Compreender um texto, entre outras coisas, é buscar as marcas do enunciador projetadas nesse texto, é reconhecer a maneira singular de como se constroem representações do autor e do leitor a respeito do mundo e da história, é relacionar o texto a outros textos que traduzem outras vozes, outros lugares. Dada a importância da linguagem na mediação do conhecimento, ela se constitui numa atribuição de todas as áreas ou disciplinas, e não só da Língua Portuguesa, o trabalho com a escrita e a oralidade do aluno no que for essencial ao tratamento dos conteúdos.

Vale destacar ainda que a disciplina Língua Portuguesa faz parte de um sistema educacional, logo sofre as consequências dos moldes da pedagogia tradicional que reconhece a formalização da linguagem como conteúdo de direito da língua portuguesa. Isso fica muito claro na postura do professor em sala de aula, quando age como o dono da situação, como transmissor dos conteúdos apenas e o aluno um ser passivo que só deve assimilar o que foi transmitido. Além desses problemas, percebe-se também o uso do texto como pretexto para o

tratamento gramatical, o desrespeito às variações linguísticas e a desvalorização da língua falada. Referindo-se à língua falada, Marcusch³ afirma:

Fala é uma atividade muito mais central do que a escrita no dia-a-dia da maioria das pessoas. Contudo, as instituições escolares dão à fala atenção quase inversa à sua centralidade na relação com a escrita.

Dedicar-se ao estudo da fala é também uma oportunidade singular para esclarecer aspectos relativos ao preconceito e a discriminação linguística, bem como suas formas de disseminação.

O estudo voltado à linguagem em uso oferece um espaço para as práticas do uso da linguagem, ou seja, a articulação da língua oral, escrita, reflexão sobre a língua, adequando-os em diferentes situações de interlocução oral e escrita. O descaso para com a língua falada também continua com a crença de que a escola é o lugar do aprendizado da escrita, uma crença que já se transformou numa postura consensual de que “a escola está aí para ensinar a escrita e não a falar”.

Considerando que a linguagem em uso pelo falante se dá através da língua falada na sua maioria, é possível acreditar que há necessidade de valorizá-la, uma vez que com isso respeita-se a diversidade linguística. Sendo assim, concorda-se com Marcusch³ que no espaço da língua falada há uma grande oportunidade para o estudo da língua como uma atividade muito relevante.

2. Classificação dos tratamentos dispensados ao ensino de língua na sala de aula

Primeiramente, considerando os PCNs, percebe-se que a língua materna é o espaço para as práticas do uso da linguagem. Ao ensinar a língua materna, significa que devemos entender que ela pode se resumir à interação que os conhecimentos construídos ou tematizados, recriação de situações enunciativas de outros espaços, utilização da linguagem oral como instrumento para relacionar-se com os diversos conteúdos, manipulação de textos escritos variados e adequar o registro oral às situações interlocutivas e utilização da linguagem na escrita e na produção de textos escritos de modo a atender às múltiplas demandas sociais.

Apesar disso, é possível visualizar que o ensino de língua sofre influência dos moldes da pedagogia, uma vez que o ensino de linguagem enquanto no período de institucionalização curricular assumiu os padrões tradicionais. Além disso, também faz parte de um sistema educacional mais amplo que reconhece a formalização do sistema linguístico como conteúdo de direito da disciplina Língua Portuguesa. Essa tendência foi classificada como tratamento

pedagógico, o qual pode ser resumido em ensino liberal e progressista de acordo com Mizukami⁴ e Libâneo⁵.

Por outro lado, o ensino de língua pode ser visto também dentro dos tratamentos linguísticos. Assim, considerou-se a valorização da linguagem em uso, bem como a sociolinguística interacional. Segundo Fairclough⁶, a conscientização crítica da linguagem deve olhar as práticas existentes de uma dada ordem sociolinguística como socialmente criada dentro das relações sociais particulares, portanto mutável. Infelizmente a conscientização tem sido vista como um dado de ordem natural ao invés de uma ordem naturalizada.

A linguagem em uso, ou seja, aquela que o falante usa no seu dia-a-dia nas suas relações interpessoais e sociais, tem sido negligenciada na prática do ensino-aprendizagem em sala de aula. Segundo Halliday (1976) na referência de Suassuna⁷ parte do conceito dos atos da fala para justificar que a descrição das diferentes funções da linguagem é de grande importância para se compreender as estruturas linguísticas usadas em situações concretas pelos falantes. Assim, a linguagem, segundo ele, tem três funções:

- função ideacional – a linguagem é usada para manifestar conteúdos e experiências do mundo real e do interior

³ MARCUSCHI, Luis Antônio. Concepção de Língua Falada nos manuais de Português de 1º e 2º Graus: uma visão crítica. In: Trabalhos em Linguística Aplicada 30, 1997, p. 39-79.

⁴ MIZUKAMI, M. da G. N. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo, EPU, 1986.

⁵ LIBÂNEO, J. C. Tendências Pedagógicas na Prática Escolar. In: ANDE, n. 6, 1983, p. 11-19.

⁶ CLARK, R. et al. Conscientização Crítica da Linguagem. In: Trabalhos em Linguística Aplicada. N. 28, 1996, p. 37-57.

⁷ SUASSUNA, L. O ensino de Língua Portuguesa: uma abordagem pragmática. Campinas, SP, Papirus, 1995.

do falante, ou seja, também determina a maneira de ver as coisas;

- função interperssoal – a linguagem é usada para instaurar as relações sociais, permitindo a interação entre as pessoas;

- função textual – a linguagem que permite ao falante construir textos adequados às situações e estabelece relações coesivas entre as unidades linguísticas no discurso.

O estudo voltado à linguagem em uso oferece um espaço para as práticas do uso da linguagem, ou seja, a articulação da língua oral, escrita, reflexão sobre a língua, adequando-os em diferentes situações de interlocução oral e escrita.

Dentro da sociolinguística interacional, o eixo temático de estudo tem sido a valorização da organização social do discurso de interação, ressaltando a natureza dialógica da comunicação humana e o intenso trabalho social e linguístico implícito na co-construção do significado. Segundo Ribeiro e Garcez⁸, usando as palavras de Goffman (1972), assevera que a posição do interlocutor é a de quem procura entender o significado do discurso a partir do contexto interacional, indagando sempre onde está a realidade de uma dada interação.

A noção de contexto ganha relevância, passando a ser entendida como criação conjunta de todos os participantes presentes ao encontro e emergente a cada novo instante

interacional, levando em conta não apenas os dados contextuais, mas consideram, sobretudo a maneira como cada um dos presentes sinaliza e sustenta o contexto interacional em curso.

Olhando pelo ângulo dos tratamentos linguísticos aplicados ao ensino de línguas, tem-se o ensino tradicional, tido por gramaticalista que se caracteriza por:

- distorção da natureza do ensino-aprendizagem de língua;
- concepção de língua como um produto acabado, estático e fechado em si mesmo;
- apego aos conteúdos expressos nos currículos, pelo uso do texto como pretexto para o tratamento gramatical;
- desvalorização da língua falada;
- preconceitos linguísticos;
- desrespeito pelas variações linguísticas e outros.

Em contrapartida, o ensino comunicativo, segundo Almeida Filho⁹, organiza as experiências de aprender em termos de atividades de real interesse e/ou necessidade do aluno para que ele se capacite a usar a língua-alvo para realizar ações de verdade na interação com outros usuários dessa língua.

Partindo dessas considerações, o quadro abaixo resume os tratamentos dispensados ao ensino de língua na sala de aula, de acordo com esse estudo.

⁸ RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. *Sociolinguística Interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre, RS, AGE, 1998.

⁹ ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. *Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas*. 2.ed., Campinas, SP, Pontes, 1998.

TRATAMENTOS PEDAGÓGICOS	CLASSIFICAÇÃO	CARACTERÍSTICAS
	LIBERAL	Repassamento dos conhecimentos para a criança acompanhado da idéia de que a capacidade de assimilação da criança é idêntica a do adulto.
PROGRESSISTA	Busca das transformações sociais com a elevação do nível de consciência do educando a respeito do que o cerca, afim de capacitá-lo a atuar no sentido de sua emancipação social, econômica, política e cultural.	
TRATAMENTOS LINGUAGEM EM USO	LINGUAGEM EM USO	Oferecimento de espaço para as práticas do uso da linguagem com a articulação da língua oral, escrita, reflexão sobre a língua, adequando-os em diferentes situações de interlocução oral e escrita.
LINGÜÍSTICOS	SOCIOLINGÜÍSTICA	Valorização da organização social do discurso de interação, ressaltando a natureza dialógica da comunicação humana e o intenso trabalho social e linguístico implícito na co-construção do significado.
TRATAMENTOS LINGÜÍSTICOS APLICADOS	ENSINO TRADICIONAL	Desvinculação de uma base linguística que trabalha com a língua de maneira fragmentária, fora do contexto, esquecendo-se de que a língua que o aluno já domina e que os elementos numa estrutura linguística nunca vêm isolados.
	ENSINO COMUNICATIVO	Organização das experiências de aprender em termos de atividades de real interesse e/ou necessidade do aluno para que ele se capacite a usar a língua-alvo para realizar ações de verdade na interação com outros falantes-usuários dessa língua. Não tem as formas da língua descritas nas gramáticas como modelo suficiente para organizar as experiências de aprender, mas sim aquele que toma a unidade de ação feita com a linguagem como organizações das amostras autênticas da língua-alvo.

3. O ensino de língua nas aulas de português, matemática e história

A partir da coleta dos dados e a triangulação dos mesmos das aulas de português, matemática e história foi possível perceber o que se ensina e como se ensina a língua, conforme apresenta o quadro a seguir:

DISCIPLINA	O QUE SE ENSINA?	COMO SE ENSINA?
LÍNGUA PORTUGUESA	Produção de texto. Incentivo à leitura. Aspectos gramaticais.	Explicação na lousa. Atividades em dupla ou em grupos. Arguições orais. Leitura silenciosa e exercícios no livro. Ensino cooperativo em sala ambiente.
MATEMÁTICA	Leitura de biografias. Leitura e interpretação dos enunciados dos problemas. Desenvolvimento do raciocínio.	Explicação na lousa. Exercícios no caderno. Bom-humor do professor.
HISTÓRIA	Leitura e interpretação de textos. Análises. Ortografia.	Atividades em grupo. Produção de texto. Exercícios com questões de vestibular. Escritos. Correção de erros ortográficos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o desenvolvimento da pesquisa, tivemos uma idéia mais concreta do que se ensina da língua portuguesa e como se ensina nas aulas de Língua Portuguesa e o que se ensina de língua portuguesa e como isso é feito em outras disciplinas. A análise

desenvolveu-se através da triangulação dos dados e da discussão dos resultados apoiados pelas considerações teóricas que nos levou às seguintes conclusões: 1. O ensino de língua portuguesa não tem explorado a contento o seu espaço disciplinar para as práticas do uso concretamente consciente e crítico da linguagem, considerando-a uma

ação individual onde o usuário age a partir dos contextos de situações específicas.

2. A situação social da sala de aula, envolvendo o professor e o aluno parece sufocado pelo apego inconsciente do professor à abordagem tradicional de ensinar e o aluno aos preconceitos linguísticos criados no bojo da sociedade.

3. Há desejo de mudanças por parte dos professores de português, contudo, eles sofrem a pressão do sistema de ensino e dos preconceitos linguísticos da sociedade. Apesar disso, entendemos que uma consciência linguística interdisciplinar, certamente amenizaria o desinteresse que os alunos demonstram em relação às aulas de português, uma vez que seriam todos lutando por um mesmo objetivo, o que não é real na prática educacional.

4. A valorização da linguagem em uso implica entender que a aprendizagem de língua portuguesa acontece também em outras instâncias, pois os conhecimentos são construídos ou transmitidos através da linguagem.

5. O aluno traz consigo a linguagem construída a partir da sua experiência de vida e a escola deveria proporcionar a continuidade, mas isso não acontece porque o estudo da própria língua tem sido de forma descontextualizada, ou seja, transforma

a língua portuguesa estrangeira dentro dela mesma dentro do próprio país.

6. O professor de língua portuguesa precisa encarar os mitos linguísticos criados pelo sistema educacional com firmeza, tentando desenvolver uma conscientização crítica da linguagem, bem como considerar as variações linguísticas e a língua falada e propor atividades em sala de aula que sejam significativas e contextualizadas, ou seja, saber o quê, por quê e como ensina a língua portuguesa. Nesse sentido Almeida Filho¹⁰ considera que:

...o professor deve, no reconhecimento de suas atitudes em sala de aula, estar em consciência crescente e em ação contínua de serviço, trabalhar para superar-se na direção desejada daquilo que é massa histórica de vida e de formação, do que somos e do que queremos ser como professores contemporâneos de línguas, ou seja, o professor precisa estar envolvido e quando isso acontece a influência sobre seus alunos é muito mais intensa.

...o professor precisa organizar experiências de aprender em termos de atividades de real interesse e/ou necessidade do aluno para que ele se capacite a usar a língua-alvo para realizar ações de verdade na interação com outros falantes-usuários dessa língua.¹¹

¹⁰ ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. Parâmetros Atuais para o Ensino de Português Língua Estrangeira. Campinas, SP: Pontes, 1999.

¹¹ Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas. 2.ed., Campinas, SP 1998.

7. A sala de aula tem sido um local de ensino e raramente um local de pesquisa. Segundo Cavalcanti e Moita Lopes ¹²,

... a sala de aula tem sido predominantemente um local de ensino e muito raramente um local de pesquisa. Acreditamos que isso se deva a pelo menos dos fatores: a formação do professor indiretamente voltada para o ensino e a ausência de tradição em nossas universidades no que se refere à área de ensino-aprendizagem de línguas (estrangeiras e materna).

8. O professor de língua portuguesa precisa ser um professor PR (professor reflexivo), ou seja estar repensando a sua prática constantemente através da pesquisa em sala de aula, que na visão de Cavalcanti e Moita Lopes ¹³ coloca-os no papel de professor-investigador, conforme lemos em,

... a prática de sala de aula como tema permanente de investigação por parte do professor deverá certamente resultar em uma reflexão questionadora que muito contribuirá para o desenvolvimento e fortalecimento da área de ensino-aprendizagem de línguas no Brasil tanto em termos da formulação de teorias como em termos da prática de ensino de línguas materna e estrangeira.

9. As outras disciplinas também ensinam a língua portuguesa, às vezes de forma consciente ou inconsciente.

10. A língua portuguesa desempenha papel transversal, interdisciplinar e multidisciplinar.

DEL PORTUGUÉS AL ESPAÑOL

Luz Maria Pires da Silva,
Universidade de Brasília (UnB)

RESUMO

Este trabalho pretende mostrar a utilidade da teoria de Grannier "Uma Proposta Heterodoxa para o Ensino de Português a Falantes de Espanhol" em sua aplicação inversa, isto é, quando empregada em falantes nativos de português, aprendizes de espanhol. O estudante brasileiro parte do conhecimento que tem de sua própria língua para adquirir a nova. Apresenta-se um resumo da versão da teoria heterodoxa de Grannier para logo discutir, avaliar e comprovar se a sua aplicação ao contrário conduz, não só, a uma efetiva aprendizagem da língua espanhola, como também contribui para melhorar a elaboração de métodos de ensino/aprendizagem de espanhol no meio universitário.

Palavras-chave: Proximidade – Oralidade - Contrastividade

ABSTRACT

This paper aims at to show that the Grannier's theory – Uma Proposta Heterodoxa para o Ensino de Português a Falantes de Espanhol - also works if it is applied in the reverse way, that is, when it is applied to the Brazilian speaker who wants to learn Spanish. The student uses the knowledge of his own language in order to create a basis over which he can build a strategy to learn the other language. An abridged version of Grannier's heterodox theory will be presented and afterwards discussed if its inverted application can be liable to an effective learning of the Spanish language. We conclude that such a theory is useful not only for learning purposes but also for the improvement of Spanish academic teaching methods.

Keywords: Contrast – Speech – Proximity

Propuestas para una adquisición rápida y eficaz del español en el ámbito universitario, una mejor estrategia de estudio de una lengua extranjera en la formación de profesores de español y la elaboración de material didáctico adecuado a diferentes perfiles del alumnado, además de una evaluación competente en situaciones/necesidades diversas, son puntos clave en la reflexión que se viene haciendo más intensamente en estos últimos años en Brasil. Son temas que desafían, por sus incontables perspectivas, y por la

¹² CAVALCANTI, Marilda; MOITA LOPES, Luiz Paulo de. Implementação de Pesquisa na Sala de Aula no Contexto Brasileiro. In: *Trabalhos em Linguística Aplicada* 17, 1991, p. 133-147.

¹³ Idem, ibidem.